

## OS DESAFIOS DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA VIDA ADULTA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Recebido em: 17/05/2023

Aceito em: 22/06/2023

DOI: 10.25110/arqsaude.v27i6.2023-058

Gabriela Ferreira Ribeiro <sup>1</sup>  
Rayssa Francielly dos Santos Alves <sup>2</sup>  
Matheus William de Oliveira Melo <sup>3</sup>  
Iasmin Danielle Bernardo de Oliveira <sup>4</sup>  
Maria Júlia Barros da Silva Martins <sup>5</sup>  
Felipe Franklin Leite Lira <sup>6</sup>  
Rafaella de Oliveira Vicente <sup>7</sup>  
Ana Beatriz Salgueiro dos Santos <sup>8</sup>  
Ivanise Gomes de Souza Bittencourt <sup>9</sup>

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo identificar os principais desafios enfrentados por pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na vida adulta. Trata-se de uma revisão integrativa abrangendo artigos publicados entre os anos de 2017 e 2022, disponíveis nas bases de dados: Scopus, PubMed e a Biblioteca Virtual em Saúde. Após a seleção e a organização dos estudos, o corpus foi constituído por oito artigos que abordavam esses desafios de pessoas adultas com TEA e suas experiências no âmbito da saúde, polifarmácia, socialização e a correlação com outros transtornos psiquiátricos. Os estudos contribuíram para um entendimento sobre as problemáticas enfrentadas pelo grupo, somado às suas necessidades e percepções, apontando a carência de apoio na transição para a vida adulta, a escassez de qualificação profissional na assistência a pessoas com TEA e a ausência de adaptações do ambiente para com os indivíduos, coadjuvando com o aumento de transtornos mentais e isolamento social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno do Espectro Autista; Saúde do Adulto; Padrão de Cuidado.

<sup>1</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).  
E-mail: [Gabriela.ribeiro@academico.uncisal.edu.br](mailto:Gabriela.ribeiro@academico.uncisal.edu.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).  
E-mail: [Rayssa.alves@academico.uncisal.edu.br](mailto:Rayssa.alves@academico.uncisal.edu.br)

<sup>3</sup> Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: [matheuzwillian5@gmail.com](mailto:matheuzwillian5@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: [iasmin.oliveira@eenf.ufal.br](mailto:iasmin.oliveira@eenf.ufal.br)

<sup>5</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: [maria.martins@eenf.ufal.br](mailto:maria.martins@eenf.ufal.br)

<sup>6</sup> Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: [Felipe.lira@eenf.Ufal.br](mailto:Felipe.lira@eenf.Ufal.br)

<sup>7</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: [rafaellaoliveira8315@gmail.com](mailto:rafaellaoliveira8315@gmail.com)

<sup>8</sup> Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).  
E-mail: [ana.salgueiro@eenf.ufal.br](mailto:ana.salgueiro@eenf.ufal.br)

<sup>9</sup> Doutora em Educação. Escola de Enfermagem - Universidade Federal de Alagoas (EENF - UFAL).  
E-mail: [ivanise.gomes@eenf.ufal.br](mailto:ivanise.gomes@eenf.ufal.br)

## THE CHALLENGES OF PEOPLE WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER IN ADULTHOOD: AN INTEGRATIVE REVIEW

**ABSTRACT:** This study aimed to identify the main challenges faced by people with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in adulthood. This is an integrative review covering articles published between the years 2017 and 2022, available in the databases: Scopus, PubMed and the Virtual Health Library. After the selection and organization of the studies, the corpus consisted of eight articles that addressed these challenges of adult people with ASD and their experiences in the realm of health, polypharmacy, socialization, and the correlation with other psychiatric disorders. The studies contributed to an understanding of the problems faced by the group, in addition to their needs and perceptions, pointing out the lack of support in the transition to adulthood, the lack of professional qualification in assisting people with ASD, and the lack of adaptations of the environment for individuals, contributing to the increase of mental disorders and social isolation.

**KEYWORDS:** Autism Spectrum Disorder; Adult Health; Standard of Care.

## LOS RETOS A LOS QUE SE ENFRENTAN LAS PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN LA EDAD ADULTA: UNA REVISIÓN INTEGRADORA

**RESUMEN:** Este estudio tuvo como objetivo identificar los principales desafíos que enfrentan las personas con trastorno del espectro autista (TEA) en la edad adulta. Se trata de una revisión integradora que abarca artículos publicados entre los años 2017 y 2022, disponibles en las bases de datos: Scopus, PubMed y Biblioteca Virtual de Salud. Tras la selección y organización de los estudios, el corpus quedó compuesto por ocho artículos que abordaron estos retos de las personas adultas con TEA y sus experiencias en el contexto de la salud, la polifarmacia, la socialización y la correlación con otros trastornos psiquiátricos. Los estudios contribuyeron para la comprensión de los problemas enfrentados por el grupo, sumados a sus necesidades y percepciones, señalando la falta de apoyo en la transición para la edad adulta, la falta de cualificación profesional en la asistencia a las personas con TEA y la falta de adaptaciones del ambiente para los individuos, contribuyendo para el aumento de los trastornos mentales y del aislamiento social.

**PALABRAS CLAVE:** Trastorno del Espectro Autista; Salud del Adulto; Estándar de Atención.

### 1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o autismo, atualmente referenciado Transtorno Espectro Autista (TEA), pode ser conceituado como um transtorno complexo do desenvolvimento que influencia e compromete os hábitos comportamentais do indivíduo, seja na linguagem, comunicação e/ou relacionado à interação social (APA, 2014).

Em 2020, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) apontou que 1 a cada 36 crianças é diagnosticada com autismo. Além disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 1% da população mundial tem TEA e no Brasil, esse número pode chegar aos 3,9 milhões de brasileiros diagnosticados (GERALDO, 2020).

Dentro da complexidade do TEA existem os níveis de suporte que variam de acordo com o comprometimento funcional e a dependência do indivíduo. No nível ou grau 1, as pessoas apresentam prejuízo menor quando comparado aos outros, sendo mais funcional e leve, necessitando de menos apoio de familiares ou profissionais da saúde. No nível 2 os prejuízos são mais aparentes, podendo haver déficit na comunicação, comportamentos repetitivos, sensibilidade à luz ou sons e, sendo assim, precisam de um suporte maior. Pessoas diagnosticadas com nível 3 possuem maior comprometimento funcional, de modo que a interação social é extremamente limitada, os comportamentos repetitivos são mais significativos e há grande prejuízo intelectual e na linguagem, podendo, inclusive, não se comunicar através da fala e, portanto, o indivíduo passa a ser mais dependente e precisa de um maior suporte substancial (APA, 2014).

Sendo assim, as pessoas com TEA enfrentam diversos desafios em seu cotidiano, principalmente pela forma com a qual são vistas pela sociedade, com preconceitos e estereótipos associados. Entretanto, de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, sabe-se que a integração é um direito de todos, garantido por lei, na qual é destinada a assegurar e promover condições de igualdade, com a finalidade de inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015).

Além do preconceito, os indivíduos com autismo encaram barreiras para atuar no mercado de trabalho e nas universidades, devido a falta de estrutura dos serviços como: as limitações na comunicação, socialização, desqualificação profissional das instituições e falta de investimento para receber esse grupo, implicando na humanização da atenção (HARMON, 2011; BONTEMPO, 2009; NATAL, 2022).

No Brasil, são escassas as pesquisas que abordam a inclusão de autistas (LEOPOLDINO, 2015; SALGADO, 2014). Desse modo, esta pesquisa se justifica pela lacuna ainda existente na literatura acerca da produção de pesquisas científicas voltadas aos desafios enfrentados por indivíduos com TEA na fase adulta. Ademais, as contribuições teóricas e práticas do trabalho estão voltadas a produção de conhecimento acerca do tema, servindo para subsidiar os profissionais da saúde, bem como a sociedade, na prestação de uma assistência humanizada, holística, colaborativa e qualificada aos

adultos com TEA e seus cuidadores. Nesse sentido, essa pesquisa objetivou identificar os principais desafios enfrentados por pessoas com TEA na vida adulta.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo revisão integrativa da literatura, em que foi estabelecida a seguinte pergunta norteadora: quais são os desafios enfrentados por pessoas com TEA na vida adulta?

A revisão contemplou as seguintes bibliotecas e bases de dados de educação para rastreamento da literatura: Base de dados Scopus e os buscadores PubMed e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Destaca-se que o seu banco de artigos está entre as principais bases de dados mundiais de pesquisa.

As buscas abrangeram estudos entre 2017 a 2022 e foram adotados os seguintes descritores: “Transtorno do Espectro Autista”, “Saúde do Adulto” e “Padrão de Cuidado”, e suas respectivas versões nos idiomas inglês, articulados pelo operador booleano AND. Como critério de exclusão foi eliminado artigos do tipo relato de experiência e revisão de literatura. Os artigos que foram selecionados atendiam à pergunta norteadora, foram publicados na íntegra e se encontram disponíveis de modo gratuito nas plataformas eletrônicas nos idiomas português, inglês e espanhol.

Foram obtidos 2.329 artigos mediante pesquisa das palavras-chaves com o operador booleano, sendo encontrados 665 artigos na base de dados Scopus, 738 artigos no buscador PubMed e 665 artigos no buscador BVS, dos quais 1375 eram artigos únicos e 954 encontravam-se duplicados. Foram selecionados aqueles que contemplavam o adulto com TEA, que eram de livre acesso através da CAFe e que respondiam à pergunta norteadora, resultando em 82 artigos que atendiam concomitantemente a esses critérios. Outro ciclo de seleção foi realizado e categorizados nos tópicos "Assistência de profissionais da saúde", "Polifarmácia", "Socialização e comportamento", "Distúrbios psiquiátricos", sendo identificados 21 artigos, dos quais apenas 8 foram contemplados na revisão por abordarem o objetivo do estudo.

Os dados dos 8 artigos foram organizados em uma planilha com os seguintes itens: título do artigo, ano de publicação, autores, países, título do periódico, participantes da pesquisa e descrição da temática dos artigos contendo objetivo, metodologia e os resultados, conforme recomendaram Pagotto, Bachion e Silveira (2013) a respeito da elaboração de um instrumento para a extração dos dados dos artigos, sendo apresentada

a frequência absoluta e relativa de cada variável, utilizando-se, para isso, de quadros e tabelas. Posteriormente, realizou-se a análise descritiva dos dados contidos na planilha e apresentação dos resultados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos utilizados para esta revisão foram publicados entre 2018 a 2022, sendo 2022 (2), 2021 (2), 2019 (2) e 2018 (2), não havendo artigos selecionados em 2020.

Quadro 1- Artigos sobre os principais desafios enfrentados por pessoas com TEA durante a vida adulta

	<b>Título</b>	<b>Autores/Ano</b>	<b>Periódico</b>
1	Opportunities for Inclusion and Engagement in the Transition of Autistic Youth from Pediatric to Adult Healthcare: A Qualitative Study	Ames, Mahajan, Davignon, Massolo, Croen (2022)	Journal of Autism and Developmental Disorders
2	Current and Lifetime Somatic Symptom Burden Among Transition-aged Autistic Young Adults	Williams, Gotham (2022)	Autism
3	Health profiles of adults with ASD: Differences between women and men	DaWalt, Taylor, Movahgar, Hong, Kim, Brilliant, Mailick1 (2021)	Autism
4	Modified CBT for social anxiety and social functioning in young adults with autismo spectrum disorder	Bemmer, Boulton, Thomas, Larke, Lah, Hickie, Guastella (2021)	Rev. Molecular Autism
5	Examining Primary Care Health Encounters for Adults With Autism Spectrum Disorder	Stein Duker, Kim, Pomponio, Mosqueda, Pfeiffer (2019)	American Journal of Occupational Therapy
6	Eating Problems in Men and Women with an Autism Spectrum Disorder	Spek, Rijnsoever, Laarhoven, Kiep (2019)	Journal of Autism and Developmental Disorders
7	Health Concerns and Health Service Utilization in a Population Cohort of Young Adults with Autism Spectrum Disorder	Weiss, Isaacs, Diepstra, Wilton, Brown, McGarry, Lunsy (2018)	Journal of Autism and Developmental Disorders
8	Addressing medical needs of adolescents and adults with autism spectrum disorders in a primary care setting	Saqr, Braun, Porter, Barnette, Hanks (2018)	Autism

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As pesquisas realizadas nesses artigos permitiram compreender quais eram os principais desafios enfrentados por pessoas com TEA enquanto adultos a partir de diferentes linhas temáticas e metodológicas.

A temática envolvia a identificação de barreiras voltadas à assistência médica, a prevalência de transtornos mentais e sintomas somáticos, problemas alimentares e a socialização nos diferentes cenários aos quais as pessoas com TEA estavam inseridas.

Os autores adotaram diferentes abordagens metodológicas para responder aos seus objetivos, havendo entrevistas semi estruturadas; aplicação de uma versão modificada do *Patient Health Questionnaire-15* por meio da plataforma SPARK; abordagem intervencionista através de comparação com grupo controle usando a SWEAA; aplicação de questionários; uso de *software* para analisar dados e identificar diferenças nas características sócio demográficas dos grupos; análise por meio de registros eletrônicos de saúde; e aplicação de técnica de terapia cognitivo-comportamental modificada nos grupos.

Quadro 2- Participantes com TEA, Objetivo, Metodologia e Conclusão

<b>Autores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Participantes</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Conclusão</b>
Saqr, Braun, Porter, Barnette, Hanks (2018)	Identificar barreiras para acesso de consultas médicas.	126 pacientes atendidos no <i>Center of Autism Services and Transition</i> da Universidade Estadual de Ohio e um grupo de foco com 10 adultos.	Entrevista semi-estruturada e aplicação da escala MRCI.	A avaliação pré-consulta possibilitou identificar e contornar barreiras que dificultam a regularidade de consultas na atenção primária. Muitos dos pacientes fazem uso de medicamentos com efeitos psicotrópicos, necessitando de comunicação com o médico para evitar interações medicamentosas.
Williams, Gotham (2022)	Avaliar a prevalência de sintomas somáticos nos adultos com TEA.	290 adultos membros da SPARK diagnosticados com TEA antes dos 18 anos.	Aplicação da versão modificada do <i>Patient Health Questionnaire-15</i> via plataforma SPARK.	Adultos com TEA possuem maior carga somática do que a população geral. Maior nível de carga foi associada ao sexo feminino, maior nível de TEA, depressão, ansiedade e qualidade de vida. O impacto dos sintomas somáticos na atenção à saúde e na morbidade são imprecisos, mas é um indicador de investigação da qualidade de vida desses indivíduos.
Spek, Rijnsoever, Laarhoven, Kiep (2020)	Avaliar a presença de problemas alimentares em pessoas com TEA.	89 indivíduos com TEA recrutados no <i>Autism information Center</i> e na instituição Lister.	Comparação com grupo controle de 68 pessoas neurotípicas usando a SWEAA traduzida para o Holândes.	Indivíduos com TEA de ambos os sexos relatam dificuldade de adaptar comportamentos alimentares na presença de outras pessoas e realizar duas atividades simultaneamente durante a refeição, preferindo não interagir socialmente. Homens com TEA que vivem sozinhos possuem preferência maior a certos alimentos e possuem rituais para alimentação, enquanto mulheres com TEA possuem maiores problemas nos rituais, sensibilidade perceptiva e dificuldade na interação social.
Duker, Kim, Pomponio, Mosqueda, Pfeiffer (2019)	Identificar barreiras e estratégias para implementar encontros de atenção primária.	Pessoas com TEA, cuidadores e provedores de atenção primária à saúde de adultos com TEA, totalizando 78 pessoas.	Coleta de dados a partir de questionário.	Adultos com TEA e cuidadores possuem barreiras para atenção primária, sendo os desconfortos sensoriais e o custo as principais preocupações, além de dificuldade de comunicação com os provedores. A colaboração interdisciplinar com terapeutas ocupacionais pode ajudar pacientes, cuidadores e a equipe interdisciplinar a aumentar os encontros de atenção primária à saúde.
Weiss, Isaacs,	Comparar o perfil de saúde de	5.095 indivíduos com TEA, 10.487 pessoas	Uso de <i>software</i> para analisar dados e	Jovens adultos com TEA necessitam de um plano de cuidado diferente da

Diepstra, Wilton, Brown, McGarry, Lunsky (2018)	adultos com TEA entre 18 e 24 anos e neurotípicos ou com outras deficiências de desenvolvimento.	com outras deficiências de desenvolvimento e 393.263 pessoas neurotípicas.	identificar diferenças nas características sócio demográficas dos grupos.	população geral e daqueles com outras deficiências de desenvolvimento, especialmente na área da saúde mental. O diagnóstico e intervenção precoce de transtornos psiquiátricos em jovens com TEA devem ser aprimoradas para garantir a saúde mental e prevenção de doenças psiquiátricas.
DaWalt, Taylor, Movaghar, Hong, Kim, Brilliant, Mailick (2021)	Investigar a hipótese de que mulheres com TEA têm um estado de saúde pior do que homens com TEA e mulheres neurotípicas.	2.119 adultos com TEA e 21.870 adultos neurotípicos no grupo de controle.	Análise do registro eletrônico de saúde de Marshfield dos pacientes com TEA e do grupo de controle.	Mulheres com TEA possuem maior risco a pior qualidade de saúde. Há risco em dobro relacionados à nutrição, sono, distúrbios neurológicos e condições psiquiátricas. Há o uso maior de serviços de saúde por mulheres com TEA do que homens com TEA ou mulheres neurotípicas.
Bemmer, Boulton, Thomas, Larke, Lah, Hickie, Guastella (2021)	Avaliar os benefícios, tolerância e aceitabilidade da terapia cognitivo comportamental em jovens adultos com TEA.	78 adolescentes e jovens adultos.	Realizado terapia cognitivo comportamental modificada em grupo durante oito semanas.	Os participantes da terapia cognitiva comportamental relataram melhoras na socialização e em transtornos psiquiátricos, com forte aceitação dos participantes e com importante utilidade clínica.
Ames, Mahajan, Davignon, Masolo, Croen (2022)	Identificar como as intervenções devem atender às necessidades dos jovens com TEA, os cuidadores e os provedores de saúde durante a transição para a vida adulta.	39 participantes, sendo 7 jovens com TEA sozinhos, 7 pares de jovens com TEA junto a seus cuidadores, 10 cuidadores sozinhos e 8 provedores de saúde.	Entrevista semi-estruturada por telefone.	As partes interessadas relataram um processo de transição precária, na qual carece de decisão de saúde compartilhada, consultas e planejamento precoce para transição que beneficia os jovens com TEA nesse processo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A partir da análise dos estudos incluídos para esta revisão, foram categorizados os principais desafios enfrentados durante a fase adulta em linhas temáticas, uma vez que havia conteúdos semelhantes e complementares nos artigos selecionados. Sendo assim, divididas em 4 temáticas: ineficiência na assistência dos profissionais da saúde; polifarmácia e seus desafios; socialização e isolamento; e a relação entre os transtornos psiquiátricos e TEA.

### 3.1 Ineficiência na Assistência dos Profissionais da Saúde

De acordo com os estudos de Saqr *et al.* (2018), as consultas de clínica médica na atenção primária para os pacientes com TEA tendem a ser problemáticas devido a demora na sala de espera e a dificuldade de comunicação durante a anamnese e exame físico, ocasionando momentos de intenso estresse durante essas atividades. Além disso, o processo de interação social com a equipe médica é relatado como um ciclo de feedback

negativo, devido a ansiedade e a dificuldade de concentração dos pacientes autistas (SAQR *et al.*, 2018).

Essa barreira existente entre profissional da atenção básica e paciente durante a transição para a fase adulta, apresenta diversos desafios voltados à assistência, sobretudo a dificuldade em manter a participação do paciente no sistema de saúde e boa relação com os profissionais, tendo como consequência uma maior predisposição a doenças crônicas e transtornos mentais (AMES *et al.*, 2022).

Para Ames *et al.* (2022), a transição da pessoa com TEA para a vida adulta é marcada pelo desejo de autonomia corporal, exercendo controle sobre quem pode examiná-los e tocá-los nos ambientes de saúde. Essa interação entre paciente-profissional influencia diretamente na aceitação do cuidado e no seguimento da assistência de qualidade. Entretanto, há uma falha presente na comunicação entre cuidadores ou familiares e profissionais, uma vez que essa independência não é proporcionada de forma absoluta para eles, dificultando ainda mais essa assistência (AMES *et al.*, 2022).

Sob outro enfoque, os indivíduos com TEA apresentam mais problemas de saúde clínica e mental quando comparado às outras pessoas, além de serem mais propensos a utilizarem os serviços de saúde, principalmente os hospitalares (CROEN *et al.*, 2015).

Segundo o estudo de Weiss *et al.* (2017), adultos com autismo possuem maior predisposição a realizarem acompanhamento com clínico geral, pediatra, psiquiatra, neurologista, gastroenterologista, além de visitar unidades de emergência e hospitalização por motivos psiquiátricos, isso porque esses indivíduos tendem a apresentar mais diagnósticos voltados às necessidades básicas. Apesar disso, observa-se uma insatisfação por parte dos indivíduos autistas com relação ao cuidado e assistência prestada pelos profissionais (LIPTAK *et al.*, 2006).

Em contrapartida, têm-se relatos de profissionais de saúde que mencionam, também, a dificuldade em sentir e proporcionar conforto ao cuidar de adultos com TEA (PATEL; O'HARE, 2010). Os estudos de Steim *et al.* (2019) demonstram que a comunicação dos profissionais de saúde e da equipe representa um desafio para adultos com TEA, uma vez presente o déficit de qualificação dos especialistas em lidar com estes indivíduos e que por vezes interpreta de modo negativo os comportamentos agressivos e ansiosos no ambiente de sala de espera e na própria consulta.



### 3.2 Polifarmácia e seus Desafios

Sabe-se que não há tratamento específico para o autismo que possa reverter o caso, assim como não há evidências de que as diversas intervenções farmacológicas que existem e são adotadas no cenário médico atual são realmente benéficas para o paciente com TEA (NETO; BRUNONI; CYSNEIROS, 2019). Entretanto, estudos evidenciam a precocidade na introdução dessas terapias medicamentosas, em que mais de 50% dos indivíduos iniciam o uso de fármacos entre 0 e 2 anos de idade, frequentemente associado ao uso de mais de 3 medicamentos, sendo os antipsicóticos, antidepressivos, anticonvulsivantes e estimulantes os mais comuns (ARIMA, 2009).

No estudo de SARQ *et al.* (2022), identificou-se o uso de medicamentos variados associados ou não ao tratamento direto do TEA, sendo os mais comuns os inibidores seletivos da recaptção de serotonina e serotonina-noradrenalina, benzodiazepínicos, antipsicóticos atípicos, antiepilépticos, estimulantes do sono, laxantes, anti-hipertensivos e para tratamento de TDAH não estimulantes. Foi apontado como um grande desafio, a redução de riscos dos regimes médicos mais complexos voltados aos potenciais efeitos adversos dos medicamentos, em que há prescrições com dosagens, horários e efeitos diferentes e por vezes o processo de aceitação e efetividade do tratamento não são alcançados devido à deficiência na comunicação médico-paciente (SARQ *et al.*, 2022).

Por outro lado, segundo Durker *et al.* (2019), adultos com TEA possuem dificuldade em ir à farmácia para adquirir o tratamento medicamentoso, bem como de segui-lo adequadamente na hora correta e ao retorno da consulta médica para analisar se a terapêutica está sendo benéfica. O estudo contou com a colaboração de adultos com TEA (34) e de seus cuidadores (31) e, referente a esta problemática, 26,5% (9) dos adultos e 45,4% (15) dos cuidadores referiram dificuldade em seguir com o uso dos vários fármacos, o que acontece decorrente da barreira existente na comunicação e prescrição de um plano de cuidados individualizado para os adultos com TEA nas consultas voltadas à atenção primária, do mesmo modo como descrito no estudo de Sarq *et al.* (2022), em que por vezes os médicos prescrevem um regime medicamentoso complexo a ser seguido, não buscando simplificar ou explicar o uso dos fármacos a serem usados diariamente aos pacientes e aos seus cuidadores (DURKER *et al.*, 2019; SARQ *et al.*, 2022).

É importante destacar que embora a terapia farmacológica seja a terapêutica de primeira escolha por grande parte da classe médica, seu uso não deve ser adotado para todos os pacientes sem adaptar-se às suas reais necessidades, uma vez que o uso de

fármacos de modo inadequado pode agravar o quadro clínico ou ocasionar em interações medicamentosas graves, colocando o paciente, que já não recebe as orientações adequadas pelos profissionais, em um maior grau de risco (SARQ *et al.*, 2022; NETO; BRUNONI; CYSNEIROS, 2019).

### 3.3 Socialização e Comportamentos

A alimentação, além de envolver questões nutricionais, é um evento de fraternidade e estimulação sensorial. No estudo de Spek *et al.* (2019), adultos com TEA reportaram dificuldades voltadas ao contato visual, adaptação da alimentação, socialização e na realização das multitarefas, estando mais propensos a optarem por comerem sozinhos e a não interagir socialmente no momento das refeições. Nesse sentido, os comportamentos repetitivos e restritos, além da sensibilidade sensorial no momento da socialização, favorecem a comorbidade do Transtorno da Ansiedade Social, através do medo constante de reações negativas ao déficit de interação social característicos do espectro (BEMMER *et al.*, 2021; KEIFER *et al.*, 2020).

Indivíduos com TEA interpretam expressões faciais em velocidade menor e de forma mais imprecisa, ou seja, o raciocínio social para interpretar situações socioemocionais é mais lento quando comparado aos indivíduos neurotípicos (KEIFER *et al.*, 2020). Nesse sentido, necessitam de maior esforço para socializar durante a refeição, visto que compartilhar a atenção em situações de multitarefa e presença de estímulos sensoriais prejudica a realização das funções cognitivas e de respostas apropriadas, afastando ainda mais de pessoas neurotípicas, reforçando experiências sociais negativas (SPEK *et al.*, 2019; KEIFER *et al.*, 2020; BEMMER *et al.*, 2021).

Nesse sentido, Wallace *et al.* (2018) associa as características do TEA com a alta seletividade alimentar rígida e com a neofobia, que é o medo ou a recusa de alimentos novos, preferindo alimentos específicos e, muitas vezes, pouco ricos em nutrientes. Esse comportamento é intensificado nos indivíduos que moram sozinhos, que possuem uma preferência maior por certos alimentos e rituais comportamentais, do que os que possuem companhia em casa, muito devido ao suporte e ao desenvolvimento de habilidades (SPEK *et al.*, 2019).

### 3.4 Transtornos Psiquiátricos e TEA

Adultos com autismo têm taxas mais altas de depressão e ansiedade (CROEN *et al.*, 2015; FORTUNA *et al.*, 2016). Identificou-se nas pesquisas de Williams e Gotham (2022) que a carga total de sintomas era fortemente associada com queixas ansiosas, exibindo correlações ligeiramente menores com níveis de traços autistas.

Assim, também esteve presente uma correlação entre sintomas depressivos ou ansiosos e os seguintes fatores: idade mais avançada, sexo feminino e níveis elevados de traços autistas. Nesse contexto, a maioria dos sintomas teve início na adolescência ou na idade adulta (GRANT *et al.*, 2021; MAZUREK *et al.*, 2019; HINZ *et al.*, 2017; KOCALEVENT *et al.*, 2013).

Identificou-se no estudo de Saqr *et al.* (2018), a prevalência de alguns transtornos psiquiátricos em pacientes com TEA na faixa etária de 15-29 anos, em que cada indivíduo, na maioria dos casos, apresentou mais de um transtorno, sendo eles: a deficiência intelectual (49%), TDAH (49%), ansiedade (52%) e depressão (31%). Além disso, o estudo de Weiss *et al.* (2018), demonstrou que distúrbios do sono são mais prevalentes nos acometidos por TEA, em comparação a controles populacionais.

Segundo o estudo de Walt *et al.* (2021), mulheres com TEA são mais propensas a desenvolverem distúrbios neurológicos e transtornos psiquiátricos quando comparadas aos homens. O processo de diagnóstico nas mulheres experimenta mais desafios quando comparado ao diagnóstico no sexo masculino, uma vez que elas estão mais propensas a camuflar seus sintomas, o que se reflete pela idade mais avançada do primeiro diagnóstico de TEA no sexo feminino em relação ao masculino (GREEN *et al.*, 2019; LAI *et al.*, 2017; BEGEER *et al.*, 2013; SHATTUCK *et al.*, 2009).

Sendo assim, a depressão e ansiedade foram identificadas como preocupações centrais na qualidade de vida entre adolescentes e adultos com TEA, particularmente durante a transição para a idade adulta, uma vez que essas taxas são mais elevadas neste público. Além disso, percebe-se, a partir dos estudos, que indivíduos autistas possuem maior risco de desenvolverem problemas voltados à saúde e transtornos mentais, sendo esta característica um maior preditor de incapacidade, redução da qualidade de vida e dificuldades no funcionamento diário (JOSHI *et al.*, 2013).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os referidos estudos contribuíram para uma compreensão sobre os principais desafios enfrentados por pessoas com TEA na vida adulta, com foco em suas necessidades e percepções. Foi possível observar a prevalência dos transtornos mentais, com destaque para depressão e ansiedade, com impactos na sua qualidade de vida destes. Além disso, as dificuldades voltadas à socialização implicam nos comportamentos alimentares, uma vez que a interação nesta circunstância pode causar momentos de intenso estresse, sofrimento e angústia, fazendo com que optem pelo isolamento social.

Outra perspectiva, foi a ineficiência na prestação de serviços assistenciais aos indivíduos com TEA, com enfoque na comunicação, que também contribui para um maior risco aos efeitos não desejados da polifarmácia, uma vez que a prática médica costuma utilizar diversos recursos farmacológicos para o tratamento do autismo, por vezes não ponderando a real necessidade e não buscando simplificar e tornar possível o entendimento da terapêutica para os pacientes e seus cuidadores.

Ademais, as barreiras existentes da assistência prestada por profissionais da saúde durante as consultas na atenção básica, seja inicialmente na sala de espera com o excesso de sons no ambiente, a estrutura física do local, uma vez que indivíduos com TEA possuem maior sensibilidade à luz e aos sons, bem como problemas voltados à falta de comunicação e seus desafios comportamentais, dificultam o estabelecimento de um vínculo entre profissional e paciente.

Assim, reforça-se a necessidade da educação continuada para profissionais de saúde acerca do TEA, com a finalidade de entender o que é o autismo, os seus sinais e sintomas, suas comorbidades e seu tratamento, seja ele farmacológico e/ou com outras medidas terapêuticas, para que possam ser capazes de intervir em momentos de crise e ofertar atendimento individualizado, adotando intervenções que qualifiquem a assistência prestada a este grupo.

Desse modo, o estudo possibilita um melhor entendimento sobre a temática para a sociedade, ou seja, de como lidar com as necessidades dos adultos com TEA e favorecer informações relevantes para compreender e colaborar no desenvolvimento destes. Outrossim, corrobora para o âmbito acadêmico por fornecer informações por meio de dados científicos, o que contribui e motiva a produção de novas pesquisas acadêmicas.

Por conseguinte, diante dos estudos discutidos nesta revisão, observou-se a escassez na produção científica no âmbito dos desafios enfrentados por pessoas com TEA,

principalmente pesquisas com público jovem-adulto, representando uma lacuna neste campo. Ademais, recomenda-se para trabalhos futuros a sensibilização e destaque para os adultos dentro do espectro, visto que, majoritariamente, as pesquisas possuem foco apenas na fase da infância, pois, eventualmente essas crianças se tornaram adultas e continuarão em acompanhamento com a equipe multidisciplinar. Ressalta-se também a importância do diagnóstico mesmo que na fase adulta, considerando-se os desafios desses indivíduos para o diagnóstico ainda na infância, relacionados ao despreparo de profissionais, à época, para a definição do diagnóstico precoce de TEA, além de encararem uma sociedade igualmente incapaz em aceitá-los e incluí-los na vida social.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 50-58.

ARIMA, E. S. **Avaliação psicológica e intervenção farmacológica de crianças autistas em dois serviços públicos**, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Comportamento) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

AMES, J. L. *et al.* Opportunities for Inclusion and Engagement in the Transition of Autistic Youth from Pediatric to Adult Healthcare: A Qualitative Study. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v.5, n.53, p.1850-1861, 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 25 set. 2022.

BEGEER S. *et al.* Sex differences in the timing of identification among children and adults with autism spectrum disorders. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 43, n. 5, p. 1151-1156, 2013.

BEMMER, E. R. *et al.* Modified CBT for social anxiety and social functioning in young adults with spectrum autism disorder. **Molecular Autism**, v. 12, ed. 11, 2021.

BONTEMPO, T. **Senrory processing patterns in high-ability adults with autism spectrum disorders in the workplace**, Dissertação (Mestrado em ciências da reabilitação) - Kingston, ontario, queen's college, 2009.

CROEN L. *et al.* The health status of adults on the autism spectrum. **Autism**, v. 19, n.7, p. 814-823, 2015.

DUKER, L. I. S. Examining Primary Care Health Encounters for Adults With Autism Spectrum Disorder. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 73, n. 5, 2019.

FORTUNA R. J.; ROBINSON L.; SMITH. Conditions and Functional Status in Adults with Autism: A Cross-Sectional Evaluation. **Revista de Medicina Interna Geral American Psychiatric Association**, v. 31, n.5, p. 77-84, 2016.

GREEN, R. M. *et al.* Women and Autism Spectrum Disorder: Diagnosis and Implications for Treatment of Adolescents and Adults. **Current Psychiatry Reports**, v. 21, n. 3, p. 21-22, 2019.

GRANT S. L. *et al.* Autism and chronic ill health: an observational study of symptoms and diagnoses of central sensitivity syndromes in autistic adults. **Molecular Autism**, v. 13, n. 7, p. 2-16, 2022.

HINZ A. *et al.* Frequency of somatic symptoms in the general population: Normative values for the Patient Health Questionnaire-15 (PHQ-15). **Journal of Psychosomatic Research**, v. 96, n.1, p.27-91, 2017.

HARMON, A. Autistic an seeking a place in an adult world. **New york times**. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/09/18/us/autistic-and-seeking-a-place-in-an-adult-world.html> Acesso em: 04 mar. 2023.

JOSI G. *et al.* Psychiatric comorbidity and functioning in a clinically referred population of adults with autism spectrum disorders: a comparative study. **Autism Dev Disord**, v. 43, n. 6, p. 1314-1325, 2013.

KEIFER, C. M. *et al.* Prediction of social behavior in autism spectrum disorders: Explicit versus implicit social cognition. **Autism**, v. 2, n. 7, pp. 1758-1772, 2020.

KOCALVENT, R. D. *et al.* Padronização de um instrumento de triagem (PHQ-15) para síndromes de somatização na população geral. **BMC Psiquiatria**, v. 13, n. 1, p. 13-91, 2013.

LAI M. C. *et al.* Quantificando e explorando a camuflagem em homens e mulheres com autismo. **Autismo**, v. 21, n. 1, p. 690-702, 2017.

LIPTAK G. S. *et al.* Satisfaction with primary health care received by families of children with developmental disabilities. **Journal of Pediatric Health Care**, v. 20, n. 4, p. 245-252, 2006.

LEOPOLDINO, C. B. Inclusão de autista no mercado de trabalho: uma nova questão de pesquisa para os brasileiros. **Gestão e Sociedade**, v. 9, n. 22, p. 853-868, 2015.

MAZUREK M. O. *et al.* Course and Predictors of Sleep and Co-occurring Problems in Children with Autism Spectrum Disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 49, n. 5, p.2101-2115, 2019.

NATAL, H. F. M. G. *et al.* Humanização nos Serviços de Saúde: Perspectivas de profissionais atuantes na atenção primária à saúde. **Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR**, Umuarama. v. 26, n. 3, p.1033-1043, set/dez. 2022.

NETO, S. G. B.; BRUNONI, D.; CYSNEIROS, R. M. Abordagem psicofarmacológica no transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 19, n. 2, p. 38-60, 2019.

NORTE, D. M. **Prevalência mundial do transtorno do espectro do autismo: revisão sistemática e metanálise**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Porto Alegre, 2017.

PATEL, M. S. Treinamento de residência na transição de jovens com doença crônica de início na infância. **Pediatria**, v. 126, p. 190-193, 2010.

SAQR, Y. *et al.* Addressing medical needs of adolescents and adults with autism spectrum disorders in a primary care setting. **Autism**, v.22, n. 1, p. 51-61, 2018.

SALGADO, A. C. L. A inserção de autista no mercado de trabalho brasileiro. **Alethes**, v. 4, n. 6, p. 421, 2014.

SPEK A. A. *et al.* Eating Problems in Men and Women with an Autism Spectrum Disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 50, pp. 1748-1755, 2020.

SHATTUCK P. T. *et al.* Tempo de identificação entre crianças com transtorno do espectro do autismo: resultados de um estudo de vigilância de base populacional. **Jornal da Academia Americana de Psiquiatria Infantil e Adolescente**, v. 48, n. 5, p. 474–483, 2009.

STEIN D. *et al.* Examining Primary Care Health Encounters for Adults With Autism Spectrum Disorder. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 73, n. 5, 2019.

WALLACE, G. L. *et al.* Autism Spectrum Disorder and Food Neophobia: clinical and subclinical links. **Am J Clin Nutr**, v. 108, n. 4, pp. 701-707, 2018.

WALT, D. *et al.* Health profiles of adults with ASD: Differences between women and men. **Autism**, v. 14, n. 9, p. 1896-1904, 2021.

WEISS, J. A.; LUNSKY Y. Identificar as necessidades clínicas e os padrões de uso de serviços de saúde de meninas adolescentes e mulheres com transtorno do espectro do autismo. **Pesquisa do autismo**, v. 10, n. 9, p. 1558-1566, 2017.

WILLIAMS, Z. J.; GOTHAM, K. O. Current and Lifetime Somatic Symptom Burden Among Transition-aged Autistic Young Adults. **Autism**, v. 15, n. 4, p. 761-770, 2022.